

# OS DESAFETOS DA INFÂNCIA EM *HARMADA*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Ana Cláudia Lima de Almeida<sup>1</sup>

Maria Edinete Tomás<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: [ana\\_clauli@yahoo.com.br](mailto:ana_clauli@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Docente/pesquisadora do Curso de Letras – CENFLE UVA. E-mail: [editomas@hotmail.com](mailto:editomas@hotmail.com)

**Palavras-chave:** Infância; Pós-modernidade; **Harmada**

## INTRODUÇÃO

O homem formula conceitos na busca de apreender e explicar a realidade com a qual interage. Os conceitos são mediados em discursos e frequentemente variam no tempo, no espaço, inclusive de pessoa para pessoa. Assim ocorre com a concepção de infância, tematizada no presente estudo, cujo objetivo central é discuti-la a partir do que se acha prefigurado no romance **Harmada**, de autoria do escritor gaúcho João Gilberto Noll e lançado em 1993.

Em tal obra, Noll ambienta a trama romanesca na pós-modernidade, conceito este sobre a qual não há consenso entre os estudiosos acerca de marcos históricos precisos. Contudo, há autores que atribuem certas características aos tempos pós-modernos, parte das quais facilmente identificadas, sobretudo, no cotidiano dos atuais centros urbanos do mundo ocidental, inclusive brasileiros. Essa pós-modernidade resulta de profundas transformações no tempo e no espaço, provocando a quebra da solidez dos valores defendidos pelas sociedades dos séculos anteriores. Bauman (1998) cunha a expressão "tempos líquidos" em face da maior flexibilidade e conseqüente fragilidade das relações interpessoais identificadas na modernidade e intensificadas na pós-modernidade que adentra o tempo atual.

O dinamismo dos conceitos e as caracterizações da pós-modernidade ampliaram nossa curiosidade em tentar visualizá-los em **Harmada**, agora focando a infância, um outro objeto dos já explorados por nós em outras pesquisas realizadas no aludido romance. Esperamos que nosso estudo contribua não só para melhor conhecimento do romance de Noll, mas também para promover novas discussões acerca de aspectos e temas com ele relacionados.

## 2 METODOLOGIA

O estudo aqui delineado tem natureza analítica e foi desenvolvido com aporte teórico que envolveu conceitos de sociologia, história e literatura. Aprofunda pesquisa sobre o *corpus* literário adotado, sobre as temáticas da infância e da pós-modernidade no universo da literatura, arte esta vista por Barthes (1977, p. 09) como “o próprio fulgor do real”.

Tomamos três pressupostos básicos no desenvolvimento do estudo: um mais voltado à possibilidade metodológica de realizá-lo, porquanto nossa análise associar ficção e ciência; dois mais relacionados com a aplicação prática do conteúdo. São eles, respectivamente: i) a relação entre arte e realidade (BARTHES, 1977), que licencia verificar-se naquela traços desta; ii) a compreensão de infância assenta-se em base cultural (ARIÈS, 1986), sujeita, portanto, às influências do tempo e do espaço; iii) a pós-modernidade, que adentra a contemporaneidade, corresponde a um fenômeno contraditório, introduzindo nos pensamentos que regem a sociedade um espécie de imprecisão e desestabilização dos modelos existentes, abalando-os e refletindo-se no homem, de maneira geral (BAUMAN, 1998).

Dos pressupostos dados, emergiram as questões que nortearam a discussão temática: Ambientando-se o enredo de **Harmada** na pós-modernidade e estando a infância nele tematizada, como tal infância delineia-se no discurso ficcional? Que sentidos ou significados são possíveis de inferir-se ou de se identificar na narrativa ficcional envolvendo a criança nele retratada?

Mesmo cômicas dos limites interpretativos, buscamos responder tais questões por meio da comparação de como a infância foi compreendida em dois momentos imediatos da história do mundo ocidental, convencionados, de modo bem geral, como modernidade e pós-modernidade. Para a discussão temática, utilizamos ainda foco na família e no afeto, duas das categorias de análise utilizadas por Ariès (1986) e por Bauman (1998) na discussão de seus respectivos objetos de observação: a infância medieval e moderna; a sociedade pós-moderna.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em princípio, na trama ficcional de **Harmada**, a infância aparece como um subtema, porquanto a ação central desenvolver-se sobretudo através da memória confusa de um narrador autodiegético já adulto, do sexo masculino e inominado, que se constitui como personagem central da narrativa. Dois aspectos se sobressaem na prefiguração da infância aí tematizada: o perfil das crianças e o cenário no qual elas surgem no plano da narrativa.

A primeira criança a ser apresentada pelo viés memorialístico do narrador é um menino, que o encontrara casualmente e lhe informa, sem preâmbulos, ter-se machucado em um jogo de bola. A

informação é prestada a quem lhe é desconhecido, “[...] maquinalmente, como se não se interessasse muito por ela [informação], como se ela estivesse sendo dita tão só para tapar um buraco... (NOLL, 2013, p.6). Nessas circunstância e não só sob a visão do narrador, a criança, que se achava sozinha num terreno ermo, demonstra certa indiferença para o que acontece ao seu redor, inclusive, ao que ocorre a si própria, aspectos aparentemente incompatíveis com a imagem de criança usualmente veiculada nos dias atuais.

Em seguida, surge na narrativa um bebê, Cristina, filha de Amanda, um dos efêmeros casos amorosos do narrador inominado. Trata-se de uma criança sem paternidade reconhecida, fruto de uma das aventuras da mãe. O modelo familiar de Cristina e a liberdade exacerbada de Amanda também se chocam com as imagens tradicionais de família e de mãe, instituídas pela sociedade burguesa e mais vigorantes no mundo ocidental ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX.

Como bem testemunha Ariès (1986), entre os séculos XVI e XVIII, começa a se configurar um novo modelo de sociedade, no seio da qual surge um desenho majoritariamente unicelular de família e se cunha uma concepção diferenciada de infância, vista como período inicial da vida humana com características físicas e psicológicas diferenciadas das experimentadas pelo adulto. Naquela ocasião, foram mais ressaltadas a natural fragilidade e ingenuidade das crianças e em face de tais peculiaridades, o ideário burguês da época prolonga deliberadamente o tempo de duração da infância, tornando a criança e o juvenzinho dependentes do adulto. Este, por sua vez, sobretudo na condição de pai e de mãe, constitui-se não só como o principal mantenedor da criança, mas como o maior responsável por seu bem estar e por sua educação. Essa concepção adentra o século XX, quando começa a ser questionada.

A filha de Amanda bem ilustra o advento de concepções diferenciadas. É o maior exemplo de uma infância desvalida, pois já nos primeiros meses de vida demonstra não receber as atenções maternas convencionais. Tal fato começa a ser demonstrado quando o narrador diz: “Peguei a criança, trouxe seu corpo muito, muito miúdo para junto do meu peito. Foi o bastante para a criança vir com as mãozinhas e a boca à procura dos meus mamilos, ela está com fome, falei olhando para Amanda [...]” (NOLL, 2013, p. 24). A displicência da mãe para com as necessidades básicas da criança não é um fato isolado.

Poucos anos depois, sem que se saiba por quê, Cristina é abandonada por Amanda, cria-se na rua, até buscar um asilo, quando “[...] precisava dormir porque não pregava direito os olhos fazia uns dois anos, nas poucas vezes que dormi na rua um sono desses que realmente te tiram do ar aconteceram episódios como incendiarem pedaços dos meus cabelos, me estuprarem e não sei que porra mais [...]” (NOLL, 2013, p.62).

No asilo, Cristina é reconhecida e acolhida pelo narrador até que, já adolescente, foge com um homem recém conhecido. Configura-se então o que Postman (1999) chama de fim da infância, aqui percebida como um dos traços de pós – modernidade por representar a desestabilização dos modelos existentes, cujos reflexos atingem e desnorream o homem.

O conjunto de situações acima delineadas na trama narrativa vai ao encontro de marcas que Bauman (1998) identifica nas sociedades pós-modernas, das quais o individualismo exacerbado, que modela novos padrões de comportamento humano, faz surgir novos valores e novas configurações de família que podem ir além dos laços de consanguinidade, mas que, na maioria dos casos, resulta no abandono e na solidão do indivíduo, independente de quem seja ele. E isso se vai fortalecendo com o aparecimento de outras crianças no decorrer da narrativa. São crianças, anônimas, majoritariamente do sexo masculino, que surgem e desaparecem rapidamente no contexto narrado, sempre deslocadas de um contexto social, inclusive familiar.

A passagem que se acha já quase no final do enredo, apresenta: “A criança que eu ouvia a resmungar chorosa estava ali dentro, mais precisamente ali dentro da cozinha, de pé, os braços sobre as bordas da pia, a cabeça deitada de lado sobre os braços. (NOLL, 2013, p. 116). Vale salientar, que a criança chorosa achava-se num lugar que lhe era tão estranho quanto o narrador que presenciava a cena e que buscava consolá-la.

A situação de isolamento social das crianças na trama de **Harmada** denota que lhes falta, em especial, o cuidado e o afeto previstos no modelo familiar burguês. Aí, ambos eram dispensados à criança sobretudo pela mãe, senão pelos pais, o que fundamenta o surgimento das expressões “amor materno”, “amor filial” e de outras alusivas. Contudo, com base em Badinter (1985), os laços afetivos que ligam pais e filhos não corresponde a algo inerente à natureza humana, são antes resultantes do estreito convívio familiar. Faltando este convívio, como ocorre no enredo em análise, a criança fica privada de cuidados e afetos, mais vulnerável às agressões do seu entorno.

Ao lado dos fatos narrados no aludido romance, outro aspecto merece atenção: o aparecimento das crianças no plano da narrativa. Observemos que elas se acham no início, meio e fim do enredo, via de regra, focadas em situação de isolamento familiar, machucadas, carentes de afeto, deslocadas ou revelando inusitada indiferença ao que ocorre ao redor de si mesmas. Esse detalhe alude à ideia de circularidade, como se essas crianças estivessem contingencialmente aprisionadas numa realidade que parece adversa às suas reais condições físicas, psicológicas e afetivas. Contudo, com base em Ariès (1986) e Postman (1999), na história da humanidade sempre foi mais frequente existir sociedades ignorando a infância, o que ratifica ser esta um dado cultural em constante processo de

atualização. Em relação ao perfil burguês de infância, na contemporaneidade temos uma imagem de infância desvalida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise temática do romance **Harmada**, de João Gilberto Noll, mostra o processo de transformação que se vem operando no modo de ver e de tratar a criança ao longo do último século, tido como etapa da pós-modernidade.

Se nos três últimos séculos, aproximadamente, à criança foram previstos certos cuidados por parte do adulto, esses parecem ignorados na trama romanesca em tela, onde a infância parece enfrentar os mesmos problemas dos adultos pós-modernos: a solidão, o desamparo, a carência absoluta de afeto. Em especial, isso parece decorrer do individualismo exacerbado, que atinge violentamente a família e fragmentando-a atinge o homem, independente de sua condição.

Com maestria, na figura das suas crianças de papel, Noll ilustra o estado pós-moderno que afeta a sociedade de modo geral, e diretamente a infância, enquanto entidade suscetível a intensas transformações, na busca de um entendimento de si e do outro.

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Estadual Vale do Acaraú, pelo incentivo à pesquisa no interior da Zona Norte do Estado de Ceará.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARIÈS, Philippe. **História social da família e da criança**. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARTHES, Roland. **Aula Inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França**. Trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed., São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama: revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed.1998.

NOLL, João Gilberto. **Harmada**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.